

A RELATIVIZAÇÃO NO PORTUGUÊS EM USO: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Rosanne Mirakelle Pereira de Oliveira ¹
Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos²

RESUMO

Este trabalho apresenta como tema central a relativização no português brasileiro e se fundamenta na vertente funcionalista, que pauta as investigações na observação dos usos reais da língua. O objetivo geral é analisar o funcionamento da relativização em textos orais e escritos produzidos por estudantes de diferentes níveis escolares. Os objetivos específicos são: analisar as estratégias de relativização e as funções dos pronomes relativos nesses textos. Para tanto, coletamos amostras da língua falada e escrita de estudantes de diferentes níveis de escolaridade, da cidade de Monteiro. Fundamentamo-nos em Oliveira (2001a; 2001b), Neves (1997; 2011; 2018), Castilho (2010), Santos (2018), Furtado da Cunha (2008), Furtado da Cunha; Bispo e Silva (2013) e Martelotta e Areas (2003). Os resultados apontam para uma predominância no uso do pronome relativo “que”, na estratégia padrão e na função de sujeito. Além disso, reconhecemos que os pronomes estão assumindo novas funções semântico-pragmáticas a depender do contexto de utilização, e, ainda, que estão surgindo novas estratégias de relativização diferentes das que observamos consolidadas nas análises linguísticas.

Palavras-chave: Português em uso; Pronomes relativos; Estratégias de Relativização; Funções sintáticas e semântico-discursivas.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se no funcionalismo e analisa a relativização do português pautando-se na observação dos usos reais da língua, pois os usos influenciam nas mudanças dos eventos linguísticos, as regras mostram-se não absolutas, visto que, influenciadas pelo discurso, estão suscetíveis a mudanças. De acordo com Neves (1997, p.39), para o funcionalismo “[...]a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante[...], transcendendo as barreiras estruturalistas.

A relativização dos usos no português é parte evolutiva na gramática da língua e é instituída e comprovada em diferentes línguas. Os estudos sobre as orações e os

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rosanne.oliveira@aluno.uepb.edu.br;

² Professor orientador/coautor: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, noelmasantos@servidor.uepb.edu.br

pronomes relativos são de grande importância no âmbito linguístico, pois é visível a necessidade de um aprofundamento de pesquisas nesta área, a fim de observar e analisar como ocorrem as manifestações linguísticas levando em consideração suas singularidades e disparidades.

Diante de toda conjuntura desta vertente e sob a observação da relativização no português em uso, observamos textos orais e escritos, partindo da análise das estratégias de relativização e das funções dos pronomes relativos nesses textos. Para tanto, coletamos amostras da língua falada e escrita de estudantes de diferentes níveis de escolaridade, da cidade de Monteiro. Fundamentamo-nos em Oliveira (2001a; 2001b), Neves (1997; 2011; 2018), Castilho (2010), Santos (2018), Furtado da Cunha (2008), Furtado da Cunha; Bispo e Silva (2013) e Martelotta e Areas (2003).

Nossa pesquisa caracteriza-se como exploratória, visto que constitui uma etapa inicial de um estudo mais amplo. Classifica-se ainda como um levantamento de campo, que segundo Gil (2008, p. 55) se caracteriza, [...] pela interrogação direta das pessoas [...]. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado”. A pesquisa também é descritiva pois aponta o funcionamento dos pronomes relativos e as estratégias de relativização predominantes nos textos analisados.

O *corpus* formou-se a partir da coleta de dados orais e escritos, a coleta realizou-se através de entrevista oral gravada e a partir de produções textuais próprias dos alunos, as quais seguiam as mesmas temáticas das entrevistas orais. As transcrições ocorreram de acordo com os códigos de transcrição do Projeto Norma Urbana Culta (NURC, cf. PRETI, 1999).

Os sujeitos participantes são 10 discentes de escolas públicas de Monteiro de diferentes anos de ensino, dois estudantes dos últimos anos de ensino de cada nível escolar, respectivamente: 1º; 5º e 9º ano do ensino fundamental; 3º ano do ensino médio; Último período do ensino superior³.

³ Preservando a identidade dos sujeitos da pesquisa, criamos códigos de identificação para catalogação dos dados e reproduzidos no final de cada exemplo. Para os estudantes do ensino fundamental, utilizamos iniciais dos primeiros nomes dos entrevistados, seguido do nível escolar em que o informante se encontra e sua variável de idade (p.ex. NS5A10). Para os alunos do ensino médio e superior, utilizamos as iniciais dos primeiros nomes, seguidas da indicação de 3M para o 3º Ano Médio e 8PS, para o 8º Período Superior (p.ex. MB3AM e AP8PS, respectivamente médio e superior).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Embasados na perspectiva funcionalista, faz-se necessária uma exposição da relativização na vertente funcionalista. Neves (2018) classifica as orações adjetivas como restritiva e adjetiva, a primeira expressando uma delimitação de um subconjunto dentro de um conjunto maior, fazendo assim uma restrição ao conjunto que a antecede; já a segunda não exerce nenhuma restrição.

Estudos linguísticos como os de Castilho (2010) e Neves (2018), entre outros, reconhecem o surgimento e existência de estratégias de relativização diferentes: uma observada como Padrão, pois segue as exigências estabelecidas pelas normas gramaticais e duas consideradas não-padrão (Copiadora e cortadora). Nas palavras de Santos (2018), a *estratégia padrão* se dá por meio de um pronome relativo que retoma ou substitui o termo que o antecede, cumprindo sua função sintática e apresentando a preposição de acordo com a regência do verbo e dos nomes que se fazem presentes na oração. A *cortadora* faz um recorte da preposição, que deveria estar inclusa na oração, (tomando por base a estratégia padrão). A *copiadora* apresenta um “pronome cópia” que faz referência ao antecedente já retomado pelo pronome relativo. Vale salientar que, na pesquisa desenvolvida por Santos (2018), foram reconhecidas outras estratégias de relativização não contempladas nessa classificação e que demonstram a evolução contínua da língua.

De acordo com Neves (2018, p. 655), “o estatuto de núcleo ou de determinante que O PRONOME RELATIVO possui na oração a que pertence aponta para o funcionamento sintático desse elemento [...] o pronome relativo sempre constitui um termo da oração”, ou seja, o pronome relativo diverge de uma conjunção subordinativa, pois a mesma não possui nenhuma função sintática dentro da oração, e o PR assume, sim, função sintática de acordo com o espaço que ocupa no enunciado.

Ainda de acordo com Castilho (2010, p. 366), fomentamos que “as adjetivas são introduzidas por pronomes relativos” salientando o fato de que “o pronome relativo desempenha simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz.” (CASTILHO, 2010, p. 368-369).

Castilho (2010) aponta que os pronomes relativos estão passando por um processo de gramaticalização. De acordo com suas colocações, o PR estaria perdendo sua função fórica, assim, seu valor sintático estaria decaindo e, por conseguinte, assumindo o valor de uma conjunção integrante, passando assim por um processo de despronominalização que ocorre pela gramaticalização dos usos. A maioria dos gramáticos atêm-se à característica de retomada dos pronomes relativos, em todas as suas postulações, ou seja, todos mencionam a propriedade fórica de remeter-se a algo já exposto ou a algo posposto a ele (pronome relativo).

Segundo Castilho (2010), a face argumentativa do pronome *lhe* atribui funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto, relativo oblíquo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Concentrando-nos nas funções semânticas e discursivas dos pronomes em questão, embasamo-nos na noção teórica de sequenciação retroativo-propulsora, proposta por Tavares (2003), que marca a entrada de informações discursivas e com isso estabelece uma relação de coesão, realiza um movimento anafórico e catafórico simultaneamente. Esta sequenciação gera a espera de que algo novo seja dito sobre que foi exposto anteriormente, há uma ligação do enunciado a ser proferido e o que já foi dito. Tavares (2003, p. 22 apud SANTOS, 2018) designa que “as formas sequenciadoras retroativo-propulsoras são marcas de coesão, indícios lingüísticos para que o ouvinte perceba a relação de sequenciação entre informações impostas pelo falante.”. Então, busca a atenção para o que já foi mencionado e impulsiona a atenção para aquilo que ainda será exposto, a sequência retroativo-propulsora torna-se objeto de estudo na gramática emergente sendo percebida em várias ocasiões discursivas, surgidas pela capacidade de mudança e adequação lingüística ocasionada muitas vezes pela gramaticalização de seus elementos e funções lingüísticas.

Santos (2018), embasada nos estudos de Tavares (2003), elucida o fato de que os pronomes relativos exercem funções além das anafóricas, apresentando também as catafóricas pois sequenciam movimentos no discurso em que as manifestações lingüísticas acontecem favorecendo o princípio de coesão no texto e o entendimento do falante/leitor sobre os enunciados proferidos no momento comunicativo. As colocações aqui perpetuadas e discutidas mostram a funcionalidade das estratégias de relativização, bem como, dos pronomes relativos, que apresentam usos diversificados em relação aos já estabelecidos em nossas literaturas, em outras palavras, apresentam em suas nuances as variações que permitem a observação de fatos da língua.

3. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O USO

Em nosso *corpus* observamos a presença de estratégias de relativização que não se encaixam nas já consolidadas (padrão, cortadora ou copiadora), tornando-se necessário estender a classificação destas estratégias, incluímos nesta análise as estratégias comutada e tematizadora. Faremos a explanação através de uma tabela (Tabela 01) que traz os dados equivalentes ao total das duas categorias de análise (texto falado e texto escrito), a fim de compará-las, contendo os tipos de estratégias de relativização e seus respectivos quantitativos. A seguir, apresentamos a Tabela 01, que contém os dados totais encontrados no texto falado (TF) e escrito (TE), de acordo com o total/tipo de cada uma:

Tabela 01 - Tabela comparativa entre as estratégias dos dados orais e escritos

ESTRATÉGIAS	TF	%	TE	%	TOTAL	%
PADRÃO	85	73%	32	27%	117	72%
CORTADORA	22	100%	0	0%	22	14%
COPIADORA	4	100%	0	20%	4	2%
COMUTADA	1	13%	7	88%	8	5%
TEMATIZADORA	6	55%	5	45%	11	7%
TOTAL/CATEGORIA	118	73%	44	27%	162	100%

FONTE: Elaboração própria

A Tabela 01 nos mostra o total de cada estratégia por categoria e a soma dessas ocorrências. Observamos um total equivalente a 162 ocorrências no *corpus*, sendo 118 casos no texto falado, representando 73% da soma conjunta, 44 no texto escrito, equivalendo a 27%.

A estratégia padrão apresentou o maior número de ocorrências em ambas as categorias, das 118 ocorrências do TF a padrão apresentou o maior número (85) e, no TE, das 44 ocorrências também obteve o maior número de casos (32), com a soma dos valores totalizando 117 ocorrências, das quais 73% correspondem ao texto falado e apenas 27% ao escrito. Caracterizamos a *estratégia padrão* como aquela que se dá por meio da conexão de um pronome relativo que retoma ou substitui o termo que o antecede, cumprindo a função sintática do mesmo e apresentando a preposição de



acordo com a regência do verbo e dos nomes que se fazem presentes na oração (SANTOS, 2018). Vejamos alguns exemplos:

- (1) [...] na aula de educação física... **quando** o professor faz aula prática. (GE9A15)
- (2) [...] o cardápio **que** eles oferecem é muito tipo repetitivo né... (MC8PS)
- (3) [...] fui levada ao CEMED, **onde** fiquei internada por umas 3 semanas. (NS5A10)

Vemos no exemplo (1) que o pronome retoma o sintagma “na aula de educação física” e o substitui na oração, tornando possível a leitura da seguinte forma: “na aula de educação física o professor faz aula prática”. No exemplo (2), o pronome relativo também retoma o antecedente “cardápio”. Em (3), o pronome retoma “CEMED” e o substitui na oração “fiquei internada NO CEMED por umas três semanas”.

A *cortadora*, faz um recorte da preposição, que deveria estar inclusa na oração, obedecendo, assim, à regência exigida (tomando por base a estratégia padrão, como lembra Santos (2018)). A cortadora traz um total de 22 ocorrências, porém todas estão dentro da categoria do TF com 100%, abaixo alguns exemplos:

- (4) É... e também tem o macarrão **que** eu gosto (IF1A6)
- (5) Aí... eu acho muito legal... porque a gente acaba sendo mais ouvido... coisa que antes né... ou nas outras escolas **que** eu estudei ninguém tava nem se quer preocupado com a opinião dos alunos... (MB3AM)
- (6) [...] e daí eu optei por ciências contábeis aqui... foi **o que** eu mais me identifiquei (MC8PS)

Nos exemplos citados acima observamos que não há a presença da preposição exigida e por isso caracterizam cortadoras. Em (4), o PR retoma “macarrão” sem a preposição “de” que é exigida pelo verbo “gostar”; no exemplo (5) o referido pronome retoma “outras escolas” sem a preposição “em” que é necessária na oração; na oração exemplificada pelo exemplo (6) o pronome retoma “ciências contábeis” e não apresenta a preposição “com” que pela estratégia padrão seria necessária.

A *estratégia copiadora* totaliza 4 casos, todos os casos pertencem ao TF com 100%, a denominamos copiadora por apresentar um “pronome cópia” que faz referência ao antecedente já retomado pelo PR (Santos, 2018). Vejamos os exemplos:

- (7) [...] e... triste foi... (Meg) **que**... teve um problema na orelha **dela**... que é minha cachorrinha aí teve que fazer uma cirurgia (NS5A10)
- (8) Eu amei... assim quando eu entrei me apaixonei pela escola... pelos professores também... **que eles** tem uma me... me... metodologia de ensino de qualidade... boa (GE9A15)



No exemplo (7), o pronome relativo retoma “Meg” e introduz o pronome “dela” que também está retomando o antecedente. No (8) o pronome retoma “professores” e ainda traz o pronome “eles” que também retoma o antecedente. Vale mencionar que essa estratégia também pode ser classificada como “comutada”, tendo em vista que houve uma troca de pronomes. Não é possível reescrever a sentença seguindo a norma padrão, usando o pronome “que”, mas com o pronome “cujo”, um pronome que não apareceu nos dados e ainda uma preposição. A oração reescrita ficaria da seguinte forma:

(7)a [...] e... triste foi... (Meg) **em cuja** orelha teve um problema... (NS5A10)

Na *comutada* se evidenciam 8 ocorrências, trazendo para o TF 13%, um percentual menor do que o referente ao TE com 88% do total, esta estratégia expressa orações relativas em que a preposição ou o pronome são trocados (Santos, 2018). Vejamos os exemplos:

- (9) [...] de ruim um mico... foi aqui na escola grande que eu passei... na hora do recreio... **que::** eu cai no chão... mas tudo bom... e de bom deixa eu ver [...] (GE9A15)
- (10) O Brasil é o quinto país **que** mais ocorre violências contra a mulher (LV9A15)
- (11) Então, o meu tio chegou em uma ladeira em frente a casa da viúva, parou e começou cantar um “aboio” **no qual** a letra cantava exatamente sobre o falecimento do indivíduo. (AP8PS)

No exemplo (9), há duas orações, mas nos atentemos a que de fato expõe a estratégia comutada (SANTOS, 2018). O pronome “que” presente na segunda oração retoma “na hora do recreio”, porém deveria ser utilizado o pronome “quando”, havendo assim, uma troca. No exemplo (10), o pronome retoma “Brasil” mas na oração adjetiva deveria ser utilizado o pronome “onde” que representaria a oração desta forma “é o quinto país onde mais ocorre violências”. Em (11) vemos que o pronome retoma “um aboio”, mas deveria ser utilizado o pronome “cuja” que representaria a oração da seguinte forma “cuja letra cantava”.

Por fim, encontramos a *tematizadora* que expressa 11 ocorrências, evidenciando uma porcentagem de 55% deste valor pertencente ao TF e 45% ao TE, esta estratégia não é reconhecida por referenciar um antecedente de modo específico, mas sim o tema presente na oração promovendo a inserção de novos argumentos que o continuem (SANTOS, 2018). Abaixo, traremos os respectivos exemplos:

- (12) [...] prefiro me afastar do que ta convivendo com aquela pessoa **que** eu to vendo que não dá certo. (SA3AM)
- (13) Gosto de falar sobre maternidade. Acho que é um assunto muito “endeusado” **onde** as pessoas que estão de fora só querem enxergar o lado bonitinho, a parte fofo de tudo (AP8PS)

Nos exemplos (12) e (13), vemos que, em ambos, o pronome relativo não retoma nenhum antecedente, apenas continua o tema, trazendo a possibilidade de continuação do assunto e introdução de novas informações. Proponho aqui a formação de uma linha crescente acerca das estratégias, colocando-as a partir do maior teor de evidenciação para o menor: padrão > cortadora > tematizadora > comutada > copiadora.

4. FUNÇÃO DOS PRONOMES

Neves (2018) nos mostrou que os PRs possuem várias funções no contexto das adjetivas e Castilho (2010) enfatiza o fato da despronominalização dos PRs, tendo essas duas colocações é necessário elucidar que se constatou na análise a presença de pronomes que não exercem função sintática no contexto que estão inseridas, mas, ainda assim, desempenham uma função na oração a qual pertencem. Os dados serão novamente expostos através de uma tabela (Tabela 02) que apresenta as funções encontradas no uso dos respectivos pronomes em questão, bem como a soma dos totais das ocorrências por total/tipo comparando-os. Abaixo a tabela 02 que esboça os dados analisados no TF e o TE em relação às funções sintáticas:

Tabela 02 - Comparação entre as funções exercidas pelos pronomes nos textos falados e escritos

	TF	%	TE	%	Total	%
Sujeito	60	74%	21	26%	81	50%
Objeto Direto	19	70%	8	30%	27	17%
Adjunto adverbial de lugar	13	68%	6	32%	19	12%
Sem função sintática na adjetiva	8	62%	5	38%	13	8%
Objeto Indireto	8	100%	0	0%	8	5%
Adjunto adverbial de tempo	5	83%	1	17%	6	4%
Adjunto adnominal	1	25%	3	75%	4	2%
Complemento Nominal	2	100%	0	0%	2	1%
Predicativo do sujeito	2	100%	0	0%	2	1%
Total	118	73%	44	27%	162	100%

FONTE: Elaboração própria



A Tabela 02 apresenta o índice de ocorrências dos TF e TE e sua respectiva soma em relação às funções sintáticas exercidas nas construções de cada categoria. O TF totalizou 118 ocorrências e o TE 44 ocorrências dos pronomes relativos, obtendo no *corpus* um total de 162 ocorrências. Observando os dados fica visível que o texto falado apresenta o maior percentual de ocorrências, com 73% do total, já no texto escrito, há 27% do total. Podemos evidenciar que a função sintática de *sujeito* apresenta maioria na frequência das ocorrências em ambas modalidades de análise, expressa 81 casos em todo o *corpus*, ou seja, apresenta uma frequência de 50% do total geral que soma 162 ocorrências. Vejamos alguns exemplos:

- (14) Eu estudei na... na Brisa no Luís Braz... o municipal e também estudei no Santa Filomena **que** é Estadual... fechou. (MB3AM)
- (15) [...] nós ganhamos e ganhamos o direito de expor na Monteiro Mostra... mostra trend... **que** é feito pelo SEBRAE... (AP8PS)
- (16) Seu João afirma que era impossível conseguir estudar, isso porque sua residência era localizada na zona rural e as escolas eram muito distantes, **o que** dificultava o acesso. (MC8PS)

Todos os exemplos citados acima possuem seu PR com função de sujeito, retomando um antecedente na adjetiva, em (14) seu antecedente é a expressão completa “Santa Filomena”, já no exemplo (15) o sintagma completo “Monteiro mostra trend” em (16) temos uma construção com o pronome “o que”, retomando o termo “as escolas eram muito distantes”, aqui consideramos a funcionalidade do PR e observamos que a expressão completa “o que” retoma o antecedente.

Após analisarmos os pronomes na função predominante, que é a de sujeito, nos limitaremos, por questão de espaço, a analisar exemplos das ocorrências dos pronomes relativos sem a função sintática na oração. Das 13 ocorrências encontradas no *corpus*, 62% pertencem ao TF, já o TE abarca 38% deste total, vejamos os exemplos:

- (17) Eu acho que a questão cultural... que a gente tem muitos cantores... muitos artistas... é uma questão **que** realmente a cidade é conhecida por isso. (MB3AM)
- (18) [...] a gente aqui usa algumas palavras **que** até mesmo pra nossa região... tipo a cidade vizinha ali talvez não fale essa palavra... (MC8PS)
- (19) Até que um dia, tive a oportunidade de ingressar nas aulas, **onde** comecei e tive o conhecimento, da arte do teatrol. (GE9A15)

Em (17), (18), (19) é possível observar que os PRs não se referem a nenhum antecedente e por isso não possuem função sintática na oração, na adjetiva eles se referem ao tema e dão continuidade ao mesmo, utilizando assim o movimento retroativo propulsor que consiste na retomada e na ação de impulsionar a continuação do tema abrindo espaço para inserção de novos argumentos (TAVARES, 2003). A quantidade significativa de ocorrências dos pronomes relativos no *corpus*, sem a função sintática, confirma a afirmação de que há um processo de gramaticalização em evidência (CASTILHO, 2010). Nesse sentido, assumimos que esses itens podem estar perdendo função sintática, mas estão ganhando novas funções semântico-discursivas e, certamente, merecem estudos mais aprofundados, com volume maior de dados, para confirmação de outras hipóteses a esse respeito.

Fazemos agora uma linha de apresentação semelhante à linha do primeiro tópico de análise, partindo do maior teor de evidenciação para o menor: sujeito > objeto direto > adjunto adverbial de lugar > sem função sintática > objeto indireto > adjunto adverbial de tempo > adjunto adnominal > complemento nominal e predicativo do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vertente funcionalista nos mostra a necessidade de um estudo da língua atrelado ao contexto, pois é um processo relevante na análise e compreensão dos fatos estudados, visto que, observa os fatos da língua na situação comunicativa. O espaço de interação verbal caracteriza-se como primordial para as análises dos fatos linguísticos, pois é a partir da observação do que se faz exterior a língua que podemos avaliar como um todo os aspectos que influenciam as construções feitas pelos falantes no discurso. As esferas discursivas apresentam a necessidade de uma análise funcional, pois surgem construções que só podem ser verdadeiramente validadas e entendidas através da análise interna e externa da língua. Esta vertente enfatiza que a gramática é mais que um conjunto de regras, visto que, se modifica com o tempo e os usos. A língua, por sua vez, apresenta-se dinâmica e em constante evolução, os fatos da língua acontecem em diversos lugares e línguas apresentando diversificações.

Os pronomes relativos e as estratégias de relativização desempenham funções de grande valia nas construções oracionais no ato comunicativo, são fatores de sentido



cruciais para o desenvolvimento do discurso. É válido ainda, mencionar que tanto as estratégias como os pronomes relativos veem evoluindo as características que lhe foram definidas, como todo evento linguístico também evoluem.

Com base na observação dos dados presentes no *corpus* constatamos a presença de estratégias e de PRs nos dados orais e escritos, havendo a predominância do uso do PR “que”, na estratégia padrão e na função de sujeito. Além disso, reconhecemos que os pronomes estão assumindo novas funções semântico-pragmáticas a depender do contexto de utilização, e, ainda, que estão surgindo novas estratégias de relativização diferentes das já consolidadas nas análises linguísticas. Isto reafirma que a dinamicidade de usos em nossa língua reflete a importância de pesquisas pautadas na ótica funcional das formas linguísticas junto ao contexto de uso e sobre as construções oracionais presentes na relativização do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.). **Linguística centra no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. Ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 13-40

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; Oliveira, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-28

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática do português revelada em textos**. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. - **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Orações adjetivas em Língua Portuguesa: uma abordagem pancrônica. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.5, n.9, p.92-103, 2ºsem. 2001a.

_____. Orações adjetivas, uma abordagem funcional. In: PASSEGGI, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro. (Orgs.). **Linguística e Educação: gramática, discurso, ensino**. São Paulo: Terceira Margem, 2001b. pp.77-90.

SANTOS, Noelma Cristina Ferreira dos. **O Funcionamento sintático e semântico-discursivo da relativização no português brasileiro: usos na modalidade escrita**. João Pessoa, 2018. Tese (Doutorado). UFPB/CCHLA.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de *e, aí, daí e então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.